

Retóricas do debate pré-eleitoral: análise dos argumentos mobilizados na corrida presidencial de 2018

Rhetorics of pre-electoral debate: analysis of the arguments used in the presidential race of 2018

Renan Mazzola¹

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

mazzola.renan@gmail.com

RESUMO: Este artigo visa apresentar as análises dos argumentos mobilizados pelos candidatos à presidência da república no primeiro debate pré-eleitoral televisionado de 2018, realizado pela emissora Band em 09 de agosto. São analisados os exórdios dos discursos de oito candidatos à eleição, são eles: Álvaro Dias (PODEMOS), Cabo Daciolo (PATRIOTA), Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (REDE), Jair Bolsonaro (PSL), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB) e Ciro Gomes (PDT). Investiga-se a tipologia argumentativa e a articulação entre argumentos e figuras. Como fundamentação teórica, parte-se dos pressupostos da Nova Retórica, cujo *Tratado da argumentação* de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca é a principal referência. Utiliza-se também os trabalhos de Plantin (2008), Fiorin (2015; 2020), Abreu (2009) e Emediato (2008), que auxiliam na compreensão de algumas categorias de argumento. Como resultados, percebe-se a complexidade dos discursos argumentativos por meio da articulação inter-argumental e da intensificação de determinados argumentos por meio de figuras de retórica.

Palavras-chave: Retórica; Argumentação; Debate eleitoral.

ABSTRACT: This paper aims to present the analysis of the arguments used by the candidates for the presidency of the republic in the first televised pre-electoral debate, held by the broadcaster Band on August 9, 2018. The openings of the speeches of eight candidates for the election are analyzed, they are : Álvaro Dias (PODEMOS), Cabo Daciolo (PATRIOTA), Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (REDE), Jair Bolsonaro (PSL), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB) and Ciro Gomes (PDT). The argumentative typology and the articulation between arguments and figures are investigated. As a theoretical foundation, it starts from the assumptions of New Rhetoric, whose *The new rhetoric - a treatise on argumentation* of Chaïm Perelman and Lucie Olbrechts-Tyteca is the main reference. The works of Plantin (2008), Fiorin (2015; 2020), Abreu (2009) and Emediato (2008) are also used, which help in the understanding of some categories of argument. As a result, the complexity of argumentative discourses is perceived through inter-argument articulation and the intensification of certain arguments through figures of rhetoric.

Keywords: Rhetoric; Argumentation; Electoral debate.

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa e Professor Adjunto da Faculdade de Letras (FALE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Introdução

Este artigo² visa apresentar as análises dos argumentos mobilizados pelos candidatos à presidência no primeiro debate pré-eleitoral televisionado do Brasil em 2018, realizado pela emissora Band em 09 de agosto daquele ano. Exploraremos especificamente os exórdios dos discursos de oito candidatos à eleição, são eles: Álvaro Dias (PODEMOS), Cabo Daciolo (PATRIOTA), Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (REDE), Jair Bolsonaro (PSL), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB) e Ciro Gomes (PDT). Investigaremos o que se destaca retoricamente na forma como eles se apresentam ao auditório e quais estratégias argumentativas tentam utilizar.

Partimos da hipótese de que esse primeiro debate apresentou uma fotografia importante das possibilidades da argumentação política brasileira, cujos elementos retóricos e variáveis sócio-pragmáticas constituíram as características de nosso cenário político atual. Analisar as ideias postas em debate antes de uma eleição é como reconstituir o “momento zero” a partir do qual uma série de acontecimentos iria se desenrolar.

Partimos, para nossas reflexões e análises, dos pressupostos da Nova Retórica, cujo *Tratado da argumentação* de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca é a principal referência. Ancoramo-nos também nos trabalhos de Plantin (2008), Fiorin (2015; 2020), Abreu (2009) e Emediato (2008) que nos ajudam na compreensão de algumas categorias de argumento.

Como sabemos, o objeto dessa teoria é, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 4, grifo dos autores), “o estudo das técnicas discursivas que permitem *provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se lhe apresentam ao assentimento.*” No contexto pré-eleitoral de 2018, era vital que os candidatos à presidência tentassem, nesse sentido, agenciar essas técnicas para adesão da maior quantidade de eleitores. Nem sempre, no entanto, iriam fazer isso de maneira efetiva - e alguns aspectos dessas falhas serão apontados também neste trabalho.

² O trabalho aqui apresentado é parte de uma pesquisa mais ampla, desenvolvida na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulada *Retórica, argumentação e discurso: as polêmicas sociais na política e na mídia*. Essa pesquisa mais ampla analisará o funcionamento retórico e argumentativo dos discursos políticos que circularam na corrida presidencial de 2018, considerando três contextos: aquele que engloba os boatos sobre as candidaturas à presidência (ano de 2017), os debates políticos que antecederam as eleições (ano de 2018) e o período de um ano de governo do candidato eleito (ano de 2019). Para o trabalho que se segue, apresentaremos os resultados dos debates políticos que antecederam as eleições (2018). Para mais informações, consulte o acervo digital disponível em <<https://renanmazzola.blogspot.com>>.

O *corpus* de análise consiste na transcrição e retextualização³ de quatro debates televisionados, dos quais selecionamos o primeiro deles (Band) para extrair as sequências analisadas neste artigo. O debate pré-eleitoral realizado pela emissora Band em 2018 está disponível integralmente na plataforma Youtube e pode ser acessado através do canal *Band Jornalismo*⁴. As análises terão natureza qualitativa, visando descrever as estratégias argumentativas a partir da tipologia apresentada no *Tratado da argumentação* (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014).

Este trabalho é composto por duas seções, além desta introdução e das considerações finais: a primeira, que efetuará um breve panorama da retórica e dos estudos de argumentação (“Notas sobre o campo da retórica e da argumentação”); e a segunda, que contextualizará o debate pré-eleitoral analisado e apresentará as estratégias argumentativas (“Apresente-se: argumentação nos debates pré-eleitorais de 2018”).

Notas sobre o campo da retórica e da argumentação

Aristóteles, representante da Retórica Antiga, constituiu um dos principais nomes dessa disciplina, em torno do qual se estabilizou uma série de conceitos e categorias existentes até hoje para o estudo dos discursos persuasivos. Sua obra *Retórica* (ARISTÓTELES, 2013) é a fonte e a referência em qualquer estudo que se preocupe com a história das ideias sobre argumentação. A elaboração do discurso retórico obedecia, nas reflexões de Aristóteles (2013), a uma ordem rígida de invenção (*inventio / euresis*), disposição (*dispositio / taxis*), elocução (*elocutio / lexis*), memorização (*memoria / mnesis*) e representação (*actio / hypocrisis*). A *actio* desempenha um papel fundamental na existência do discurso persuasivo, pois é somente no momento da performance do orador que todo o trabalho realizado nas fases anteriores ganha corpo. Se nos detivermos um instante no nível da *inventio* (escolha dos gêneros e dos tipos de argumentos em função da elaboração de nosso discurso), deparamo-nos com os três gêneros clássicos descritos no “Livro I” da *Retórica* (2013): o *judiciário*, o *deliberativo* e o *epidítico*.

Antes de Aristóteles, no entanto, já observávamos as querelas entre os sofistas - Protágoras e Górgias, por exemplo - e Sócrates. Os debates entre os sofistas e Sócrates já demonstrava a existência da retórica no seio da vida social. Segundo Penha (2000, p. 29), a

³ Para a compreensão das diferenças entre transcrição e retextualização, conferir MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2013.

⁴ Link de acesso: <https://youtu.be/9EnJeUKwX_c>.

partir do século V a. C. o termo sofista passa a “designar exclusivamente os professores ambulantes, conferencistas a quem as famílias abastadas confiavam a educação de seus filhos, na expectativa de que fossem bem-sucedidos na atividade política, pois eram mestres na arte da retórica, por cujas aulas exigiam remuneração.” Górgias e Protágoras, sofistas, eram relativistas e céticos, e propunham a existência de diversas verdades que derivavam da opinião. Sócrates discordava dos sofistas, e propunha a busca de uma verdade una a partir de seus métodos bastante conhecidos: a ironia e a maiêutica.

Depois de Aristóteles, então, no contexto da Retórica Clássica (período que compreende o Renascimento até o século XVII), a retórica sofre uma progressiva restrição, até ser reduzida ao nível da elocução (*elocutio / lexis*), isto é, a uma “retórica das figuras”, a uma “estilística” ou “tropologia”: aos ornamentos da linguagem.

No final dos anos 50 do século XX surge então a Nova Retórica, manifesta no *Traité de l'argumentation: la nouvelle rhétorique* ([1958] 2014), obra de Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, publicada na Bélgica. Esta retórica não deixa também de ser, em alguma medida, redutiva. Trata-se de estudar sobretudo a *inventio*, isto é, os tipos de argumentos (os argumentos quase-lógicos, os argumentos baseados na estrutura do real e as ligações que fundamentam a estrutura do real) que possibilitam a adesão dos espíritos e sua consequente persuasão.

É nesta última perspectiva - da Nova Retórica - que estabeleceremos nossas análises a fim de mapear os tipos de argumentos mobilizados pelos oradores políticos candidatos à presidência da república nas eleições de 2018. Para Plantin (2008, p. 48), “uma contribuição essencial do *Tratado* é seu inventário das formas argumentativas. Ali encontramos, para começar, um conteúdo de descrição empírica incomparável: ‘mais de oitenta tipos de argumentos e observações esclarecedoras sobre a função da argumentativa de mais de sessenta e cinco figuras’”.

O *Tratado* possui certamente alguns avanços e também alguns recuos com relação à Retórica Antiga, sistematizada por Aristóteles. Entre os avanços, preocupa-se com o *auditório universal* e com a modalidade escrita por meio da qual irão se manifestar as técnicas argumentativas. Entre os recuos, podemos dizer que a mediação linguística é por vezes esquecida e que o gesto e a voz (*actio*) passam a ocupar um segundo plano, uma vez que a preocupação recai sobre as técnicas argumentativas (*inventio*).

O Tratado da argumentação é algo como uma Nova Retórica? Sim, na medida em que ele faz contínuas referências aos retóricos antigos e clássicos. Não, pois o gesto

e a voz estão excluídos de seu campo e os afetos não recebem tratamento específico algum. (PLANTIN, 2008, p. 47).

Após essas breves notas sobre o campo da retórica e da argumentação, que visaram tão-somente destacar alguns pontos importantes para a compreensão do campo de nossa fundamentação teórica, passaremos às análises das técnicas argumentativas presentes nos debates televisionados.

Apresente-se: argumentação no debate pré-eleitoral de 2018

Foram cerca de cinco os debates pré-eleitorais televisionados para presidência em 2018, que apresentaremos a seguir por ordem cronológica: o debate da Band (09/08/2018), o da RedeTv (17/08/2018), o do SBT (26/09/2018), o da Record (30/09/2018) e o da Globo (04/10/2018). Neste artigo, analisaremos o primeiro deles.

O debate na Band aconteceu em 09 de agosto de 2018 e, como mencionamos, foi o primeiro debate televisionado da corrida presidencial desse ano. O apresentador era Ricardo Boechat, âncora de jornalismo na época, e os candidatos presentes eram Álvaro Dias (PODEMOS), Cabo Daciolo (PATRIOTA), Geraldo Alckmin (PSDB), Marina Silva (REDE), Jair Bolsonaro (PSL), Guilherme Boulos (PSOL), Henrique Meirelles (MDB) e Ciro Gomes (PDT)⁵.

Ricardo Boechat, moderador do evento, dá início então à transmissão e apresenta a ordem do debate, composta por cinco blocos. No primeiro bloco, os oito candidatos iriam responder a uma mesma questão, indicada pelos leitores do jornal Metro: “Se eleito, que primeira medida tomará para estimular a contratação de trabalhadores? Como essa medida será implementada e a partir de quando? E de onde virão os recursos para que ela seja bem-sucedida?”. As respostas a esta primeira questão, no contexto do primeiro bloco, serão o objeto de nossas análises aqui.

Para responder a essa pergunta sobre a temática do emprego, os oito candidatos tomam a palavra para saudar a todos e também para se apresentarem. Todos eles possuem 1 minuto e 30 segundos para sua apresentação e resposta.

Não intencionamos realizar uma análise exaustiva de todos os argumentos que foram mobilizados em cada fala dos candidatos. Procuramos nos debruçar sobre alguns argumentos

⁵ Nesse período, Luís Inácio Lula da Silva estava impedido pela justiça de participar a debates.

que se destacaram nessas falas e que, de alguma forma, foram representativos em cada uma das sequências selecionadas do *corpus*. Esses destaques encontrar-se-ão em *itálico* no corpo das análises. O primeiro candidato a se pronunciar é Álvaro Dias, segundo vemos a seguir:

S1 ÁLVARO DIAS: Boa noite Brasil, antes de responder à pergunta, devo me apresentar. Eu nasci aqui em São Paulo, no interior, em Quatá, na roça, filho de um agricultor Silvino e Dona Helena, passo a passo cheguei aqui, sou senador eleito com quase 80% dos votos do meu estado. Fui governador com 72% dos votos. Em meio ao governo, alcançava aprovação de 90%, e ao final a Folha de S. Paulo estampou em manchete que eu era o governador mais popular do país, porque reforma administrativa, saneamento financeiro, combate à corrupção, prendi usando a prisão administrativa 28 ladrões de dinheiro público, anulei licitações fraudulentas, acabando com o cartel, combati privilégios, mas abri mão dos meus privilégios. Como governador teria direito a uma aposentadoria teto que me daria desde 27 anos até agora 10 milhões de reais: uma mega sena. Abri mão também do auxílio moradia, da verba indenizatória, em 6 anos seriam 2 milhões de reais de economia: mais uma mega sena. Mas vou continuar combatendo os privilégios e combatendo a corrupção (BAND JORNALISMO, 2018).

Após enunciar que irá se apresentar (*devo me apresentar*), nomear sua cidade natal (*Quatá*) e seus pais (*filho de um agricultor Silvino e Dona Helena*) Álvaro Dias ensaia aqui um discurso pautado em dados numéricos - em evidências - para construir seu *ethos*. O recurso aos dados numéricos, às porcentagens e aos resultados de sua eleição para o Senado, para o Governo estadual e sua aprovação resultante disso, ancoram seus argumentos em uma aparente realidade objetiva, uma vez que a maioria do estado o elegeu como Senador, como Governador e a maioria o aprovou, tornando-o popular: *sou senador eleito com quase 80% dos votos do meu estado. Fui governador com 72% dos votos. Em meio ao governo, alcançava aprovação de 90%, e ao final a Folha de S. Paulo estampou em manchete que eu era o governador mais popular do país.*

Para Fiorin (2015, p. 159), “os números dão uma aparência de objetividade à argumentação. No entanto, as cifras podem ser utilizadas segundo as necessidades da estratégia argumentativa empregada pelo enunciador.” Esses dados numéricos, porcentagens e cifras podem ser contestados pelos oponentes ou pelo auditório, relativizando-se o contexto em que elas se inscrevem, as bases sobre as quais foram realizados os seus cálculos ou mesmo as origens desses dados.

Em seguida, ao enunciar que abriu mão de seus privilégios como forma de combater privilégios, mobiliza o argumento do sacrifício (*combati privilégios, mas abri mão dos meus privilégios. Como governador teria direito a uma aposentadoria teto que me daria desde 27 anos até agora 10 milhões de reais: uma mega sena. Abri mão também do auxílio moradia, da verba indenizatória, em 6 anos seriam 2 milhões de reais de economia: mais uma mega sena*).

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 281), “um dos argumentos de comparação utilizados com mais frequência é o que alega o sacrifício a que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado.” Ao abdicar de duas “mega senas”, o orador coloca-se no lugar de combatente aos privilégios da elite. A esse respeito, os autores do *Tratado* afirmam que “o argumento quase-lógico do sacrifício pode ser aplicado também a todo o campo das relações de meio com o fim” (p. 286). Entende-se que abrir mão de seus próprios privilégios (como meio) permite combater os privilégios da elite (como finalidade). Sobre isso, Fiorin (2015, p. 164) afirma que “o sacrifício serve para provar as qualidades morais de uma pessoa ou de um ato.”

Apesar da mobilização do recurso aos dados e ao sacrifício, o discurso de Álvaro Dias é pouco eficaz, uma vez que negligencia a resposta à questão proposta pelos eleitores: “Se eleito, que primeira medida tomará para estimular a contratação de trabalhadores? Como essa medida será implementada e a partir de quando? E de onde virão os recursos para que ela seja bem-sucedida?”. Essa questão não é respondida pelo orador no tempo de que dispõe, e isso será destacado pelo próximo candidato a discursar: Cabo Daciolo.

S2 CABO DACIOLO: Glória a Deus! Glória a Deus! Eu chamo atenção - e boa noite ao povo brasileiro. Eu chamo atenção à resposta do candidato ao lado que falou, falou e não foi dito nada aqui. Você pode olhar aqui o quadro do debate hoje. Essa aqui representa a velha política do Brasil: eu tenho um candidato à minha direita que tem mais de 50 anos de vida pública, à minha esquerda eu tenho Alckmin com 46 anos de vida pública, um pouquinho além eu tenho a deputada Marina, com todo respeito, com 30 anos de vida pública, mais à frente eu tenho Bolsonaro com 30 anos de vida pública. [...] Ciro, que tem 36 anos de vida pública. Chega! Chega! Essa é a velha política que engana o povo, e que chega nesse momento eles sabem tudo, eles têm solução pra tudo, eles falam tudo, mas não mudam nada. E nesse exato momento o povo brasileiro, a nação brasileira tem a oportunidade de mudar, de transformar e de trazer o novo para a nação. Mudar. Tem que investir em educação, botar trabalho para o povo, mexer em educação, entrar em ciência e tecnologia e institutos federais. Capacitar e preparar a mão de obra e, a partir daí, baixo os juros, retiro impostos e isso vai oxigenar o país. Automaticamente, o mercado vai se abrir e nós vamos empregar esse povo. Quero deixar bem claro e lembrar a todos que tem o direito do povo. Existe um direito que está dentro da Constituição Federal no artigo número 6, que vai falar dos direitos sociais. Você tem direito ao trabalho e eu vou te dar o trabalho para honra e glória do senhor Jesus (BAND JORNALISMO, 2018).

Evocando Deus, Cabo Daciolo, o segundo a tomar a palavra por ordem estabelecida em sorteio, destaca a fuga à pergunta do candidato anterior: *Eu chamo atenção à reposta do candidato ao lado que falou, falou e não foi dito nada aqui*. Estabelece-se daqui em diante as possibilidades dialogais, isto é, a possibilidade de retomar a fala dos candidatos anteriores para eventualmente refutá-las; conseqüentemente, estabelece-se também a mobilização de uma

dialética erística (SCHOPENHAUER, 2020) que visa à derrota do adversário perante um auditório muito específico - os eleitores-telespectadores - deste debate pré-eleitoral.

Em seguida, Cabo Daciolo tentará construir seus adversários políticos ali presentes como antimodelos: *Você pode olhar aqui o quadro do debate hoje. Essa aqui representa a velha política do Brasil: eu tenho um candidato à minha direita que tem mais de 50 anos de vida pública, à minha esquerda eu tenho Alckmin com 46 anos de vida pública, um pouquinho além eu tenho a deputada Marina, com todo respeito, com 30 anos de vida pública, mais à frente eu tenho Bolsonaro com 30 anos de vida pública. [...]* *Ciro, que tem 36 anos de vida pública. Chega! Chega!* Para Fiorin (2015, p. 189), “os casos particulares podem ser apresentados como modelos a seguir ou antimodelos a evitar.” O modelo é uma referência a personagem ou grupo humano com quem se procura criar uma identificação; e o antimodelo é uma referência a personagem ou grupo humano com quem se procura criar uma desidentificação. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p 419), “ao propor a outrem um modelo ou um antimodelo, o orador subentende [...] que ele próprio também se esforça para aproximar-se ou distinguir-se deles.” Neste caso, após mencionar quantos anos cada candidato tem de vida pública, afirma-se: *Essa é a velha política que engana o povo, e que chega nesse momento eles sabem tudo, eles têm solução pra tudo, eles falam tudo, mas não mudam nada.* Nessa sequência, os adversários de Daciolo são construídos como antimodelos porque permanecem muito tempo na vida pública e não fazem/mudam nada. Por isso, há um movimento de desidentificação de sua parte.

Nesse momento, o candidato apela para a emoção do auditório, utilizando-se do recurso *ad populum* (ao povo): *E nesse exato momento o povo brasileiro, a nação brasileira tem a oportunidade de mudar, de transformar e de trazer o novo para a nação. Mudar.* Para Abreu (2009, p. 68), “essa falácia tem um nome mais vulgar: demagogia. Acontece quando alguém dirige um apelo emocional ao povo com o propósito de ganhar a aprovação para uma conclusão que não se sustenta por um raciocínio válido.” Dessa maneira, o candidato coloca-se como modelo e como candidato da mudança, desidentificando-se de seus adversários que *não mudam nada para transformar e trazer o novo para a nação.*

Por fim, a partir da figura da enumeração (i) e dos argumentos *ad consequentiam* (ii), o candidato enuncia a resposta aguardada pelo âncora e pelos leitores do jornal Metro (Quais medidas de contratação e geração de empregos?). Vejamos: (i) *Tem que investir em educação, botar trabalho para o povo, mexer em educação, entrar em ciência e tecnologia e institutos federais. Capacitar e preparar a mão de obra; [...] baixo os juros, retiro impostos e isso vai oxigenar o país.* (ii) *Automaticamente, o mercado vai se abrir e nós vamos empregar esse povo.*

Para Cabo Daciolo, as ações que terão como “consequência” a abertura do mercado e a geração de emprego são a) investimento em educação; b) investimento em ciência e tecnologia; c) investimento em institutos federais; d) capacitação de mão de obra; e) baixa de juros; f) retirada de impostos. Seu discurso, ao final de 1min30 termina como iniciou, com evocação da honra e da glória do senhor Jesus.

Embora mobilize certos argumentos e recursos que julga importantes, a totalidade de seu discurso também se configura como pouco eficaz, uma vez que imediatamente sofre uma crítica do apresentador Ricardo Boechat. Repreende o âncora: *Eu gostaria de reiterar que os eleitores do Metro jornal explicitamente solicitaram respostas objetivas à questão do desemprego.*

Passa, então, a palavra ao candidato Geraldo Alckmin.

S3 GERALDO ALCKMIN: Quero cumprimentar o Boechat, cumprimentar a candidata, cumprimentar os candidatos, e em especial vocês, mulheres e homens que nos assistem. Essa é a questão central. O Brasil voltar a gerar emprego e renda. O Brasil precisa crescer, e para poder crescer precisa ter investimentos. E investimento é confiança. As primeiras medidas nossas serão pelo lado fiscal, sem aumentar impostos, reduzir despesa para zerar o déficit em menos de dois anos. Segunda medida, simplificação tributária. Simplificar, desburocratizar, destravar a economia. A terceira, abertura econômica. Os países que passaram de renda média para renda mais alta todos eles tiveram na abertura da economia um papel fundamental. Fazer acordos comerciais, entrar no TPP, na Aliança do Pacífico junto com o Japão e os países asiáticos. Reduzir o custo Brasil. O Brasil ficou caro, e por isso perdeu competitividade. O Brasil da década de 30 até a década de 80 foi o país que mais cresceu no mundo. Ele precisa voltar a crescer, crescer forte, melhorar o poder de compra, o salário, salário mínimo, a renda da nossa população. Essa é nossa prioridade. Educação básica, começando lá na infância, do ensino infantil até a pesquisa e a inovação (BAND JORNALISMO, 2018).

Cumprimentando os candidatos e todos que assistem ao debate, Alckmin parece abdicar de qualquer apresentação de si para responder prontamente à pergunta colocada: *Essa é a questão central: o Brasil voltar a gerar emprego e renda.* O orador, num primeiro momento, constrói seu discurso pautado (i) no argumento dos inseparáveis (não há x sem y) e (ii) na definição (x = y):

- (i) *O Brasil precisa crescer, e para poder crescer precisa ter investimentos.*
- (ii) *E investimento é confiança.*

Segundo Emediato (2008, p. 182), o argumento dos inseparáveis “visa associar duas situações ou dois termos de maneira inseparável, ou seja, um não pode existir sem o outro (é tudo ou nada).” Portanto, não há crescimento sem investimentos. Ainda segundo este

pesquisador (2008, p. 176, grifo do autor), “as definições [...] são consideradas pela literatura como *argumentos quase lógicos*, pois eles decorrem respectivamente dos princípios de igualdade ($a = b$ ou $a = a$, identidade)”. Dessa forma, Alckmin define “investimento” como “confiança”. Temos, assim, a seguinte fórmula:

crescimento / investimento [inseparáveis]
 investimento = confiança [definição]

Na sequência analisada (S3), Alckmin preocupa-se com a ordem de suas ideias, utilizando-se de articuladores de introdução e continuidade *As primeiras medidas, Segunda medida, A terceira...* Além de ater-se prontamente à elaboração de uma resposta à questão colocada, o candidato organiza suas ideias e argumentos, imprimindo clareza e concisão a seu pronunciamento. Até este momento, a sequência apresentada por Alckmin mostra-se como mais eficaz do ponto de vista da organização retórica e argumentativa, enumerando as possíveis soluções: *medidas fiscais, reduzir despesa, simplificação tributária, abertura econômica, fazer acordos comerciais, entrar no TPP, na Aliança do Pacífico junto com o Japão e os países asiáticos, reduzir o custo Brasil*. Contudo, desconfia-se da habilidade desse orador em se comunicar com as grandes massas, que não constituem seu auditório pretendido, em termos ideológicos.

Por fim, o candidato enuncia a partir do lugar da ordem, afirmando que *o Brasil da década de 30 até a década de 80 foi o país que mais cresceu no mundo. Ele precisa voltar a crescer*. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 105), “os lugares da ordem afirmam a superioridade do anterior sobre o posterior, ora da causa, dos princípios, ora do fim ou do objetivo.” Ao afirmar que o Brasil de ontem (*da década de 30 até a década de 80*) era melhor do que o Brasil de hoje (dos anos 1990 a 2016), emula-se a necessidade de retornar a esse patamar de crescimento apontado nas décadas de 30 até 80.

S4 MARINA SILVA: Boa noite a todos, em primeiro lugar eu quero agradecer a Deus por estarmos aqui, cumprimentar a você Boechat e a todos os demais que estão aqui nesse debate conosco e a todos os candidatos. Estamos aqui novamente depois de 4 anos e eu retorno aqui com a clareza de que nosso país tem problemas muito graves a ser enfrentados. Um deles, sem dúvida, é o problema do desemprego. Há 4 anos, estávamos aqui e foi anunciado pela própria Band que a questão da criminalidade estava, em mortes violentas, em torno de 59 mil pessoas por ano. E nós chegamos ao dia de hoje e temos 63 mil pessoas assassinadas por ano, com 13 milhões de desempregados, e com justa razão pergunta sobre o emprego. Para ter emprego é preciso ter investimentos e, para ter investimento, é preciso recuperar a credibilidade. Para ter credibilidade é preciso ter uma mudança profunda neste país porque aqueles que criaram o problema não vão resolver o problema. Eu sei o que é não ter emprego porque tive que passar

pela fresta do desemprego como mulher, como jovem, como alguém que viu diante de si a dificuldade para alimentar a família. Tenho o compromisso em fazer o país voltar a crescer para que possa voltar a gerar emprego, renda e vida digna, integrando o nosso país ao desafio da sustentabilidade social (BAND JORNALISMO, 2018).

Marina Silva também inicia seu discurso agradecendo a Deus. Estranhamente, realiza uma menção a dados sobre assassinatos, mesmo a pergunta tendo como tema o desemprego: *Há 4 anos, estávamos aqui e foi anunciado pela própria Band que a questão da criminalidade estava, em mortes violentas, em torno de 59 mil pessoas por ano. E nós chegamos ao dia de hoje e temos 63 mil pessoas assassinadas por ano, com 13 milhões de desempregados.* Em seguida, a oradora também utiliza a lógica dos inseparáveis crescimento-investimento-confiança (*Para ter emprego é preciso ter investimentos e, para ter investimento, é preciso recuperar a credibilidade*).

No entanto, o que destacamos em sua fala é o recurso à autoridade (*ad verecundiam*). Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 48), “o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese.” Conhecemos três tipos mais importantes de desdobramentos do argumento de autoridade: i) Aquele que remete a um especialista em uma área qualquer do saber, como em “Segundo Aristóteles, os meios de persuasão através da palavra falada são três: o primeiro, que depende do caráter pessoal do orador (*ethos*); o segundo, que leva o auditório a uma certa disposição de espírito (*pathos*); e o terceiro, que depende do próprio discurso (*logos*) no que diz respeito ao que demonstra ou visa demonstrar.” Esse funcionamento caracteriza o *argumento de especialista*. ii) Aquele que remete ao testemunho, que também valida as proposições defendidas: por exemplo, “Eu vi o acidente da sacada do meu apartamento, eu vi o que aconteceu.” Ou então a publicidade testemunhal que ocorre, para Fiorin (2015, p. 177), quando “alguém que goza de credibilidade assegura que usa determinado produto.” É o *argumento de testemunho*. iii) Aquele que remete à experiência vivida, sendo esta a responsável por legitimar o ponto de vista perante uma plateia: “Eu estive na Segunda Guerra, eu posso afirmar o que aconteceu de fato naquelas batalhas”. Trata-se da estratégia *pela experiência*. Para Fiorin (2015, p. 176), “nesse caso, quem argumenta introduz a si mesmo como prova no exame da questão, mencionando seus conhecimentos ou quaisquer outras qualidades.” Ainda segundo Fiorin (2015, p. 176), “o objetivo é levar a plateia a aceitar um ponto de vista, baseando-se na autoridade de quem enuncia, no seu conhecimento especializado, na sua credibilidade ou na sua integridade pessoal.”

A fala de Marina Silva, particularmente no trecho *Eu sei o que é não ter emprego porque tive que passar pela fresta do desemprego como mulher, como jovem, como alguém que viu diante de si a dificuldade para alimentar a família* mobiliza o recurso “pela experiência”. Por saber quais são as dificuldades de estar desempregada, por já ter sido uma, estabelece-se uma identificação entre a oradora e todos aqueles que se encontram nessa situação. Esse tipo de argumento é categorizado no conjunto dos “argumentos baseados na estrutura do real”, conforme defendem os autores do *Tratado da argumentação*:

Enquanto os argumentos quase-lógicos têm pretensão a certa validade em virtude de seu aspecto racional, derivado da relação mais ou menos estreita existente entre eles e certas fórmulas lógicas ou matemáticas, os argumentos fundamentados na estrutura do real valem-se dela para estabelecer uma solidariedade entre juízos admitidos e outros que se procura promover (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 297)

O peso desse argumento mobilizado por Marina Silva - saber o que significa estar desempregado - é intensificado pelo uso da metáfora *passar pela fresta do desemprego*. Fresta é “uma abertura estreita” em um muro ou telhado, para ventilação e iluminação. Passar por uma, portanto, é tarefa difícil. Ao associar a imagem da fresta ao desemprego pelo qual passou, a oradora coloca-se no lugar de quem sabe o que diz.

O próximo candidato a tomar a palavra é Jair Bolsonaro.

S5 JAIR BOLSONARO: Primeiro agradeço a Deus pela oportunidade, e ao sistema Band. Daciolo, eu tenho na verdade 46 anos de serviço público, 16 de exército brasileiro, com muita honra. Nossa missão aqui é mais que dar esperança para o povo, é dar a certeza que faremos um governo diferente, nunca integrei o executivo, o Brasil precisa fazer comercio com o mundo todo sem um viés ideológico, precisa agregar valor naquilo que tem, não só em seu subsolo como em produtos do campo, o Brasil precisa ser desburocratizado, é um cipoal de leis que desestimula qualquer um a abrir qualquer empresa, tem que ser desregulamentado, todos nós sabemos que o salário no Brasil é pouco pra quem recebe e muito pra quem paga, a classe empresarial tem dito também, e o que eu vou falar aqui é pra perder voto, mas eu não quero ganhar eleições e não poder governar, os empresários têm dito pra mim, que o trabalhador vai ter que decidir um dia: menos direitos e empregos ou todos os direitos e desemprego. Acredito que com essas medidas iniciais além de atacarmos de frente a questão da violência nós possamos fazer voltar no Brasil o emprego (BAND JORNALISMO, 2018).

Quando toma a palavra, Jair Bolsonaro resgata a fala de Cabo Daciolo para corrigi-lo: Daciolo havia dito que Bolsonaro teria 30 anos de vida pública, e este afirma que são 46 anos (*eu tenho na verdade 46 anos de serviço público, 16 de exército brasileiro, com muita honra*).

Os trechos da sequência que parecem responder às perguntas dos leitores do jornal Metro (Como gerar empregos?) miram a desburocratização: *o Brasil precisa ser*

desburocratizado, é um cipoal de leis que desestimula qualquer um a abrir qualquer empresa, tem que ser desregulamentado, todos nós sabemos que o salário no Brasil é pouco pra quem recebe e muito pra quem paga. Nesse momento, o candidato apresenta ao eleitor um dilema, por meio da voz dos empresários com quem conversa: *os empresários têm dito pra mim, que o trabalhador vai ter que decidir um dia: menos direitos e empregos ou todos os direitos e desemprego.* Há aí, além da inscrição de seu discurso em uma formação ideológica de extrema direita, a enunciação de argumentos dilemáticos. O dilema é caracterizado por um procedimento de disjunção:

Para que haja dilema, é necessário, em primeiro lugar, que a disjunção seja completa, ou seja, que não haja alternativa, além das apresentadas. [...] Em segundo lugar, só há dilema, quando o que se deduz de cada uma das alternativas for derivado legitimamente ou pelo menos aceito como tal com base numa experiência partilhada. [...] Em terceiro lugar, é preciso que a conclusão comum que se infere dos dois membros da disjunção seja idêntica, necessária e única (FIORIN, 2015, p. 146-147).

Dessa forma, enunciando uma tal disjunção, tal que escolhido qualquer um de seus membros, resulta a mesma conclusão: qualquer um dos dois é ruim. De um lado, trata-se da dissolução de direitos básicos trabalhistas, conquistados a duras penas; de outro, trata-se da interdição ao emprego, também um direito fundamental do ser humano. Fiorin (2015) nos apresenta a seguinte estrutura para a compreensão do dilema: 1) uma idêntica disjunção entre duas teses; 2) um desdobramento que remete a cada uma delas; 3) idêntica conclusão seja qual for a alternativa escolhida. O dilema materializa essa disjunção por meio da conjunção “ou”. No limite, o auditório tende a considerar o mal menor.

*menos direitos e empregos /ou
todos os direitos e desemprego*

Para Emediato (2008, p. 179), “O dilema é apresentado como um argumento manipulador destinado a reduzir um adversário em uma situação impossível de ser resolvida positivamente”; “Em geral, são apresentadas duas alternativas negativas, uma delas sendo apontada como o mal menor.” Os eleitores telespectadores, que compõem o auditório real do discurso desse candidato, são colocados diante de um impasse: *menos direitos e empregos ou todos os direitos e desemprego?* Uma vez que o orador se coloca ao lado dos empresários, o mal menor visado é *menos direitos e empregos*. Trata-se, essencialmente, de um falso dilema:

“os falsos dilemas são feitos para aprisionar o adversário em seu interior e forçá-lo a decidir por exclusão. É preciso não cair em sua armadilha” (EMEDIATO, 2008, p. 179-180).

Vejam agora o que diz o próximo candidato, associado ao PSOL.

S6 GUILHERME BOULOS: Boa noite, boa noite Boechat, boa noite candidatos, boa noite a todos e todas que nos assistem na sua casa. Boa noite ao ex-presidente Lula, que deveria estar aqui, mas está preso injustamente em Curitiba, enquanto Temer está solto lá em Brasília. Eu sou Guilherme Boulos, sou candidato do PSOL, partido de Marielle Franco, sou candidato para mudar toda essa esculhambação que hoje nós vemos na política, com privilégios com uma desigualdade social brutal no país. A nossa primeira medida, tomando posse como presidente da República do Brasil, vai ser revogar as medidas tomadas por esse governo do Temer. Reforma trabalhista, que agravou a situação dos trabalhadores e retirou direitos. Reforma da Previdência, que tentaram aprovar e nós não vamos deixar fazer. Também a emenda constitucional 95 que corta investimentos sociais. Nenhum país nunca saiu da crise sem investimento público. Nós vamos retomar investimento público com o programa 'Levanta Brasil', gerando emprego com investimento em infraestrutura, saúde, educação e moradia. Para isso vai ter que mexer nos privilégios dos mais ricos. Nós vamos fazer uma reforma tributária, porque hoje no Brasil quem tem menos paga mais, quem tem mais paga menos. Trabalhador e classe média é que sustentam o Estado brasileiro. Você que está nos assistindo, que tem um carro, paga IPVA; quem tem um jatinho, um helicóptero como alguns candidatos que estão aqui não pagam um real de imposto. Nós vamos acabar com essa esculhambação que representa hoje a desigualdade e os privilégios do nosso país (BAND JORNALISMO, 2018).

Guilherme Boulos, aqui, utiliza-se fortemente do argumento pelo modelo e antimodelo, como também o fez Cabo Daciolo. Seu pronunciamento faz referência logo de início a duas figuras políticas importantes, tidas pelo orador como modelos: Lula (*Boa noite ao ex-presidente Lula*) e Marielle Franco (*sou candidato do PSOL, partido de Marielle Franco*). Lula é membro e principal fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), preso injustamente⁶ em Curitiba; e Marielle Franco foi membro do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), morta injustamente⁷ em 2018 no Rio de Janeiro. Ambos são vinculados à esquerda política, vertente de Guilherme Boulos.

Cotejando a figura de Lula com a figura de Temer em *Boa noite ao ex-presidente Lula, que deveria estar aqui, mas está preso injustamente em Curitiba, enquanto Temer está solto lá em Brasília*, Boulos atribui a culpa a este (que está solto em Brasília, mas que deveria estar preso) e a inocência àquele (que está preso injustamente em Curitiba, mas que deveria estar em liberdade). Portanto, um é construído como modelo no campo da política, enquanto o outro é seu antimodelo. A partir dessa tensão é estruturada a argumentação de Boulos, uma vez que suas ações visam distanciar-se das ações do antimodelo Temer: *A nossa primeira medida,*

⁶ Em 15 de abril de 2021, o STF anula condenações de Lula. Cf. <<https://bit.ly/2Q610be>>.

⁷ Para mais informações, consultar <<https://www.institutomariellefranco.org>>.

tomando posse como presidente da República do Brasil, vai ser revogar as medidas tomadas por esse governo do Temer.

Como já mencionamos anteriormente a partir de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), ao propor o adversário como um antimitelo, o orador subentende que ele próprio se esforça para distinguir-se desse adversário. Por isso, sua primeira medida e várias outras que se seguem irão na contramão das medidas adotadas por Temer. Vejamos, então, a seguinte fórmula, que sintetiza o funcionamento do argumento pelo modelo e antimitelo de Boulos:

Lula	[modelo]	[prestígio]
Marielle Franco	[modelo]	[prestígio]
Michel Temer	[antimitelo]	[desprestígio]

A seguir, analisaremos o discurso do candidato Henrique Meirelles, associado ao partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB):

S7 HENRIQUE MEIRELLES: Boa noite Boechat, boa noite demais candidatos, e boa noite pra você que está nos ouvindo. Eu tenho que me apresentar porque nunca fui candidato a presidente da república, não exerci nenhum mandato, mas me dediquei muitos anos ao serviço público. Eu comecei a vida no setor privado, cheguei a presidente de uma grande organização internacional, voltei ao Brasil e logo em seguida assumi o Banco Central e nesse período fizemos aquilo que está no interesse que fez a pergunta. Criamos emprego, criamos estabilidade na economia, os investimentos aumentaram e o Brasil criou em oito anos cerca de 10 milhões de empregos. Voltei ao governo, na Fazenda, e lá tiramos o Brasil da maior recessão da história, que estava destruindo o emprego sistematicamente. Voltamos a criar e o Brasil criou 2 milhões de empregos. Portanto, qual é a solução para a sua pergunta? Muito simples. Ao contrário do que muitos aqui pensam, não se cria emprego no grito. Se cria emprego com a política econômica correta. No momento em que assumimos a presidência, a confiança aumenta como já aconteceu e o Brasil vai ter investimento, vai crescer e gerar emprego (BAND JORNALISMO, 2018).

Henrique Meirelles, embora tenha tido um percentual muito baixo de votos nas eleições (cerca de 1,2%⁸ em outubro de 2018), participou de diversos debates pré-eleitorais e tentou, a seu modo, angariar votos. O candidato - que foi ex-Presidente do Banco Central e ex-Ministro da Fazenda - inicia seu discurso afirmando que nunca foi candidato à presidência e nem exerceu nenhum mandato, mas que possui uma trajetória no serviço público que o habilitaria para isso. Destacamos aqui o *argumentum a minore ad maius*. Esse argumento “do menor para o maior” é um tipo de argumento *a fortiori* (= por causa de uma razão mais forte). Para Fiorin (2015, p. 181), “colocam-se, em paralelo, duas ordens de grandeza, dizendo que, se se admite o menor, com muito mais razão tem

⁸ Cf. <<https://tribunademinas.com.br/noticias/politica/07-10-2018/signa-a-apuracao-dos-votos-para-presidente.html>>.

que se aceitar o maior: se um primata é capaz de reconhecer formas geométricas, com muito mais razão os homens apresentam essa capacidade.” É esse tipo de raciocínio que está na base desta sequência destacada na fala de Meirelles: *nunca fui candidato a presidente da república, não exerci nenhum mandato, mas me dediquei muitos anos ao serviço público*. Ou seja, se Meirelles exerceu com competência cargos em outros serviços públicos - presidência do Banco Central e Ministro da Fazenda - com muito mais razão irá exercer com competência a presidência da república.

Esse é um tipo de argumento baseado na estrutura do real, e se refere à interação entre o ato e a pessoa. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 340), “a pessoa serve, por assim dizer, de intermediário que permite passar dos atos conhecidos aos atos desconhecidos, do conhecimento de atos passados à previsão de atos futuros.” É conhecida, portanto, a atuação de Meirelles como presidente do Banco Central e como Ministro da Fazenda (atos passados). No entanto, é desconhecida sua atuação na presidência da república (atos futuros). É nesse ponto que se tenta uma transferência de valores e atos (do passado para o futuro) e nisso se encontra a essência dos argumentos *a fortiori*.

S8 CIRO GOMES: Boa noite Boechat, boa noite a todos os meus ilustres concorrentes. Boa noite à família brasileira, que apesar de estar muito tarde aos trabalhadores, ainda está tendo a paciência de nos assistir. Tenho uma proposta de gerar, no primeiro ano de governo, enquanto a gente cuida das reformas estruturais, 2 milhões de empregos. O caminho, basicamente, é consertar os motores do desenvolvimento, que estão praticamente todos estrangulados. E eu posso demonstrar. O consumo da família é um dos motores importantes. Hoje, o Brasil tem 63 milhões de pessoas com nome sujo no SPC. Vou ajudar a pagar as dívidas e ajudar a limpar o nome dos brasileiros para que voltem a consumir. O empresariado brasileiro está colapsado, dívida de R\$ 2,6 trilhões e caminho de crédito de recuperação duvidosa, ou seja, não dá conta de pagar. Vou descartelizar o sistema financeiro, que no Brasil cinco bancos concentram 85% das operações. Vou consertar as contas públicas com as 7,5 mil obras paradas, pelas mais diversas razões, todas elas burocráticas. Isso é o que o emprega rapidamente as pessoas com dificuldade de qualificação. E por fim, o Brasil voltará comigo a ter uma política industrial e de comércio exterior, que não alimenta essas ilusões que o meu amigo Alckmin acredita, que se nós expormos o Brasil em uma competição internacional iremos melhorar de vida. Lá fora se financia a zero, no Brasil se financia a 40% de juros. Lá fora tem sofisticação tecnológicas, e o Brasil está se atrasando pesadamente (BAND JORNALISMO, 2018).

Ciro Gomes, por fim, estrutura seu discurso pautado no *argumentum ad consequentiam*, ou seja, apresentando os atos que terão “como consequência” a geração de 2 milhões de empregos (*Tenho uma proposta de gerar, no primeiro ano de governo, enquanto a gente cuida das reformas estruturais, 2 milhões de empregos*). Os atos são: a) incentivar o consumo das famílias; b) reduzir a dívida do empresariado brasileiro; c) descartelizar o sistema financeiro; d) consertar as contas públicas; e) empregar pessoas sem qualificação nas obras paradas. Todos esses atos irão gerar, segundo o orador, muitos empregos.

Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 303), o *argumento pragmático / ad consequentiam* “permite apreciar um ato ou acontecimento consoante suas consequências

favoráveis ou desfavoráveis. [...] Para apreciar um acontecimento, cumpre reportar-se a seus efeitos.” Esse é o objetivo da pergunta dos eleitores do jornal Metro: saber quais ações terão como consequência estimular a contratação de trabalhadores no Brasil. As ações (a)-(e) foram elencadas, portanto, por Ciro Gomes. As proposições utilizadas nesse tipo de argumentação têm natureza diversa:

Existem, por exemplo, as descritivas, que apresentam um fato ou aquilo que se considera como tal (“O livro *Anjos e demônios*, de Dan Brown, contém erros factuais); avaliativas, as que fazem uma apreciação sobre um dado elemento (“O racismo é intolerável”); incitativas, as que convocam a realizar uma ação ou a evitar que algo se produza (“É necessário combater a violência nas relações pessoais”). Quando se usam proposições incitativas, argumenta-se, em geral, com as possíveis consequências positivas ou negativas de uma dada ação (FIORIN, 2015, p. 165, grifos do autor).

A argumentação do candidato parece ser de ordem incitativa, pois apresenta os atos (a)-(e) que, se realizados, terão uma consequência positiva (contratação de trabalhadores). Esse argumento é intensificado pela utilização de duas figuras de retórica: (i) a metáfora (*motores do desenvolvimento*) e (ii) a personificação (*que estão estrangulados*). A metáfora é uma concentração semântica que, segundo Fiorin (2020), dá concretude a uma ideia abstrata (*motores*, aquilo que produz ou transmite movimento: força motora). A personificação, segundo o mesmo autor, é um alargamento semântico que atribui a entes não humanos traços próprios do ser humano ou suas atividades correspondentes (“estrangulamento”; *consertar os motores do desenvolvimento, que estão praticamente todos estrangulados*). O uso de figuras de linguagem / retórica aparecem frequentemente para aumentar a força dos argumentos mobilizados nos discursos.

Após termos efetuado a análise de alguns argumentos que se destacaram no início do primeiro debate pré-eleitoral televisionado da corrida presidencial de 2018, na emissora de tevê Band, realizaremos a seguir alguns balanços e o encaminhamento para as conclusões desta pesquisa.

Considerações finais

A tipologia argumentativa não deve ser encarada como uma mobilização, por parte do orador, de estratégias específicas e isoladas, que vão se somando indefinidamente até o final de seu discurso, de seu pronunciamento ou dos debates nos quais se engaja. Em uma sequência

verbal aparecem, como constatamos, diversos tipos de argumentos e, frequentemente, esses argumentos relacionam-se com outros argumentos, e podem ainda ser intensificados pelas figuras de retórica. Conforme Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 523),

Insistimos, antes de empreender o estudo analítico dos argumentos, em seu caráter esquemático e arbitrário. Os argumentos isolados com vistas ao estudo formam, na realidade, um todo; estão em interação constante, e isso em vários planos: interação entre diversos argumentos enunciados, interação entre estes e o conjunto da situação argumentativa, entre estes e sua conclusão e, enfim, interação entre os argumentos contidos no discurso e aqueles que têm este último por objeto.

Dessa forma, todo discurso pronunciado por um orador revela uma trama complexa de argumentos relacionados entre si, com figuras, com os elementos da situação argumentativa, com as teses defendidas, com as conclusões visadas, etc. Nem sempre, também, as estratégias visadas seriam efetivas. Com Álvaro Dias, observamos que o emprego de determinadas estratégias se mostra inócuo se houver uma má gestão do tempo de fala. Por esse motivo, analisamos alguns argumentos que se destacaram nas respostas que os candidatos elaboraram para a questão do emprego, nesse primeiro debate de 2018, enquanto elementos do *logos*, embora haja influência de fatores pragmáticos. Algumas dessas configurações perduraram nos debates subsequentes.

Nossas reflexões e análises foram pautadas pelo campo da Nova Retórica, de Perelman e Olbrechts-Tyteca, bem como pela contribuição de importantes pesquisadores da tipologia argumentativa e dos discursos retóricos. Contemplamos o funcionamento da argumentação pelos dados e pelo sacrifício, no discurso de Álvaro Dias (S1); pelo antimodelo e pelo recurso *ad populum*, no discurso de Cabo Daciolo (S2); pelos inseparáveis, pela definição e pelo lugar da ordem, no discurso de Geraldo Alckmin (S3); pela autoridade, no discurso de Marina Silva (S4); pelo dilema, no discurso de Jair Bolsonaro (S5), pelo modelo e antimodelo, em Guilherme Boulos (S6); pelo recurso *a minore ad maius*, em Henrique Meirelles (S7); e pela consequência, em Ciro Gomes (S8).

Com relação às interações entre argumentos, figuras e situações argumentativas, descritas por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), observamos, para citar apenas alguns: 1. a articulação entre o argumento pelo antimodelo e o apelo ao povo, em Cabo Daciolo (*Essa é a velha política / o povo brasileiro tem a oportunidade de mudar*); 2. a articulação entre os inseparáveis e a definição, em Geraldo Alckmin (*O Brasil precisa crescer, e para poder crescer precisa ter investimentos. E investimento é confiança*); 3. a intensificação do argumento de autoridade pela metáfora, em Marina Silva (*Eu sei o que é não ter emprego porque tive que*

passar pela fresta do desemprego como mulher, como jovem); 4. A intensificação do argumento *ad consequentiam* pela metáfora, em Ciro Gomes (*O caminho, basicamente, é consertar os motores do desenvolvimento, que estão praticamente todos estrangulados*).

Essas articulações revelam a complexidade dos discursos argumentativos, para cuja análise o analista possui um papel central na explicitação de seus eixos e trajetões. Entendemos que as eleições de 2018 constituíram um acontecimento importante para a compreensão do momento atual de nossas ideias políticas e históricas. Em outras palavras, analisar as retóricas desses debates pré-eleitorais consiste em tentar reconstituir o “argumentável” de um dado recorte do discurso social, cujos efeitos perduram no debate público por um longo tempo.

Referências

ABREU, A. S. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2009.

ANGENOT, M. **O discurso social e as retóricas da incompreensão**: consensos e conflitos na arte de (não) persuadir. Organização Carlos Piovezani. São Carlos: EDUFSCar, 2015.

ARISTÓTELES. **Retórica**. Tradução Edson Bini. São Paulo: EDIPRO, 2013.

BAND JORNALISMO. **Debate na Band**: reveja na íntegra o 1º confronto entre os presidenciáveis. 09 ago. 2018. Disponível em: <https://youtu.be/9EnJeUKwX_c>. Acesso em: 03 ago. 2021.

EMEDIATO, W. **A fórmula do texto**: redação, argumentação e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2020.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. O. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. 3ª ed. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PENHA, J. **Períodos filosóficos**. São Paulo: Ática, 2000.

PLANTIN, C. **Argumentação**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.

SCHOPENHAUER, A. **A arte de ter razão**: 38 estratégias. Rio de Janeiro: Vozes, 2020.

Recebido em: 18 de junho de 2022

Aceito em: 11 de outubro de 2022